

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A imagem-sintoma em Um estranho na aldeia, de James Baldwin: identidade negra como território

Magdiel Cormelyson Menezes, Ana Cristina Moraes, Jânderson Albino Coswosk

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16798>

Submetido em: 2026-07-05

Postado em: 2026-07-27 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

**A IMAGEM-SINTOMA EM *UM ESTRANHO NA ALDEIA*, DE JAMES BALDWIN:
identidade negra como território¹**

**THE SYMPTOM-IMAGE IN JAMES BALDWIN'S "STRANGER IN THE VILLAGE":
black identity as territory**

**LA IMAGEN-SÍNTOMA EN UN EXTRAÑO EN EL PUEBLO, DE JAMES BALDWIN:
La identidad negra como territorio**

Magdiel Cormelyson de Menezes

Universidade Estadual do Ceará – UECE – e

Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza - SME

<https://orcid.org/0000-0003-1798-1979>

Ana Cristina de Moraes

Universidade Estadual do Ceará – UECE

<https://orcid.org/0000-0002-8650-8272>

Jânderson Albino Coswosk

Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES

<https://orcid.org/0000-0002-8249-4096>

RESUMO

O presente artigo promove um diálogo sobre os conceitos de imagem e identidade racial no ensaio *Um Estranho na Aldeia*, de James Baldwin (2020). A análise centra-se na identidade negra como território, transitando entre a Filosofia da Arte e as teorias críticas das Humanidades. Busca-se uma articulação com os conceitos de imagem-sintoma e imagem como rasgadura, propostos por Georges Didi-Huberman (2013). Com base nos aportes de Cida Bento (2022), Neusa Santos Souza (2021), Aimé Césaire (2010) e Frantz Fanon (2020), inferimos que o racismo é compreendido como uma expressão da invasão colonial e do sistema escravista, estruturado em relações de dominação e extermínio.

Palavras-chave: Imagem; Colonialismo; Identidade Negra.

ABSTRACT

This article fosters a dialogue on the concepts of image and racial identity in James Baldwin's essay "Stranger in a Village" (2020). The analysis focuses on Black identity as a territory, moving between the philosophy of art and critical theories in the humanities. It seeks to establish a connection with the concepts of the 'image-symptom' and the 'image as a tear', proposed by Georges Didi-Huberman (2013). Based on the

¹ O estudo tem o apoio da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico e à Inovação (FUNCAP) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ).

contributions of Cida Bento (2022), Neusa Santos Souza (2021), Aimé Césaire (2010) and Frantz Fanon (2020), we infer that racism is understood as an expression of colonial invasion and the slave system, structured around relations of domination and extermination.

Keywords: Image; Colonialism; Black Identity.

RESUMEN

Este artículo fomenta el diálogo sobre los conceptos de imagen e identidad racial en el ensayo de James Baldwin “Un extraño en la aldea” (2020). El análisis se centra en la identidad negra como territorio, transitando entre la filosofía del arte y las teorías críticas de las humanidades. Busca una articulación con los conceptos de imagen-síntoma e imagen como ruptura, propuestos por Georges Didi-Huberman (2013). A partir de las contribuciones de Cida Bento (2022), Neusa Santos Souza (2021), Aimé Césaire (2010) y Frantz Fanon (2020), se infiere que el racismo se entiende como una expresión de la invasión colonial y del sistema esclavista, estructurado en relaciones de dominación y exterminio.

Palabras clave: Imagen; Colonialismo; Identidad negra.

Introdução

O ensaio *Um Estranho na Aldeia*, publicado originalmente em 1953, constitui uma reflexão autobiográfica na qual James Baldwin (1924-1987) explicita sua experiência como homem negro no vilarejo de Leukerbad, na Suíça. A obra possui um potencial singular para a Filosofia da Arte devido ao seu caráter imagético, que transborda o texto em figurações associativas induzindo o leitor a pensar as imagens produzidas no discurso.

A partir da vivência pessoal de Baldwin — homem negro, homossexual e estrangeiro na Europa vindo dos Estados Unidos —, o autor explora a história de sua identidade em relação à arquitetura e à história dos impérios coloniais. O exílio europeu, iniciado em 1948,² envolve o autor em um sentimento de estranhamento que ele busca contornar através da escrita e do conhecimento profundo da história humana.

Este artigo propõe, portanto, que o racismo manifestado nessa narrativa é produto das invasões coloniais, que encapsularam o corpo negro em imagens de inferiorização e desumanização para justificar a exploração.

Sobre o conceito de imagem

² O autor se encontrava fugindo da intolerância e violência que vigorava em seu país natal. No ano de 1948, James Baldwin buscou abrigo na Europa, e em Paris iniciou uma relação com o jovem Lucien Happersberger, que lhe ofereceu asilo em sua casa no vilarejo de Leukerbad, na Suíça.

Em suas reflexões autobiográficas James Baldwin condena o racismo praticado tanto no novo quanto no velho mundo.³ Embora estivesse pela primeira vez na Europa, o autor percebe que os modos hegemônicos ocidentais de ver o mundo e o “não europeu” sempre estiveram vinculados à branquitude em sua matriz ideológica, o pensamento liberal-capitalista.

Conforme argumenta Cida Bento (2022, p. 27), “o olhar europeu transformou os não europeus em um diferente e, muitas vezes, em um Outro ameaçador.”. Fetichizando e vulnerabilizando socialmente as pessoas marcadas pelo racismo.

Nessa direção, apreendemos as noções de “imagem-sintoma” e “imagem rasgadura” como essenciais à elucidação de reflexões pertinentes ao campo da identidade negra enquanto território discursivo, cultural e imagético, com esteio na obra de Baldwin referida.

Tornemos desde já compreensível o que chamaremos aqui de “imagem-sintoma” e “imagem como rasgadura”, ambos os conceitos extraídos do pensamento do filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman (2013). Dialogando com a psicanálise freudiana, Didi-Huberman (2013, p. 201-202) coloca “a questão do figurável sob o ângulo de uma rasgadura ou de uma falta constitutiva”. De acordo com Didi-Huberman, a “imagem como sintoma” frustra, “em sua potência de apresentação”, a visibilidade e a legibilidade da representação figurativa de um discurso, e a “imagem como rasgadura” faz emergir o que estava afogado nas profundezas da repressão, desvela o real, e expõe o que estava oculto na História.

No ensaio *Estranho na Aldeia*, Baldwin (2020) elabora suas experiências traumáticas com o racismo e busca transformar os sintomas em narrativas. Em busca por uma descrição fiel do seu afeto e do Outro, ignora o fato de que alguns sentimentos não conseguem ser representados e sua visualidade não se forma, mas, como num pesadelo em que não sabemos o que nos perturba, a imagem é reprimida. O não dito, o que não aparece, a falta, a “imagem sintoma” — o significado real da perturbação, aparece na “rasgadura” que sua narrativa realiza na objetivação de sua subjetividade.

Esta “imagem sintoma” também aparece no Outro de seu texto, naquele sobre o qual o narrador se refere como o branco. O que não é dito sobre o branco é revelado na “rasgadura”, na descrição da curiosidade patológica do branco que toca em seu cabelo sem permissão, do que olha fixo para seus dentes e não vê o sorriso, no espanto

³ “Velho e novo mundo” termos usados durante os séculos XV e XVI para explicar a visão de mundo europeia. A expressão “Novo Mundo” sugere que a América passou a existir apenas quando foi conhecida pelos europeus. Os termos ignoram que sociedades africanas, asiáticas e americanas possuíam histórias, culturas, sistemas políticos e conhecimentos próprios antes do contato europeu.

daquele que passa a mão em sua pele para verificar se aquela cor era mesmo natural ou tinta:

Meu sorriso era apenas mais um fenômeno inaudito, que lhes permitia ver meus dentes — na verdade, as pessoas não viam meu sorriso, e comecei a achar que, se eu comesse a rosar, ninguém perceberia a diferença. Todas as características físicas do negro que me causavam, nos Estados Unidos, um sofrimento muito diferente, já quase esquecido, aqui eram nada menos do que milagrosas — ou infernais — para as pessoas da aldeia. Alguns achavam que meu cabelo era cor de alcatrão, que tinha a textura de arame, ou de algodão. Alguém sugeriu, de brincadeira, que eu o deixasse crescer para fazer com ele um casaco de inverno. Se eu ficava sentado ao sol por mais de cinco minutos, alguma criatura ousada sempre se aproximava e punha, com todo o cuidado, os dedos no meu cabelo, como se temesse levar um choque elétrico, ou tocava minha mão, espantando-se ao ver que a cor dela não saía na sua (Baldwin, 2020, p. 187).

O racismo estrutural marca a narrativa de Baldwin (2020) como uma neurose coletiva evidenciada em “imagem sintoma” — individual e coletiva. Em *Um Estranho na Aldeia*, as imagens são evocadas no texto como sobreviventes de um passado hostil, em uma narrativa na qual suas falhas e contradições surgem como uma rasgadura no véu da suposta ingenuidade branca.

Pela sua amplitude e complexidade, compreendemos que o conceito de imagem em Didi-Huberman (2013) contempla toda a crítica e aspectos históricos encontrados no referido ensaio de Baldwin. O autor afro-americano elabora bem a lógica do trauma em sua escrita análoga a um *self* terapêutico. Sua consciência política percebe a fetichização do negro e todo o imaginário doentio dos aldeões como reflexo da História do Ocidente, um sintoma da história da civilização europeia.

Em *A cultura do Renascimento na Itália* o historiador de arte suíço Jacob Christoph Burckhardt (2009) construiu o argumento que os estados italianos do século XV foram moldados pelos seus líderes, que de modo eficiente e centralizado, governaram manipulando a imagem de poder, como um escultor modela uma pedra. Nesse mesmo sentido, Baldwin (2020) aponta para o racismo como marca de uma doença civilizatória, um trauma na história ocidental.

Para pensar a imagem do Estado escravista moderno como produto do sistema colonial, Baldwin descreve a genealogia do Branco na “imagem como rasgadura” que racializa e desvela uma linhagem: “[...] pois esta aldeia me faz constatar este fato: houve um dia, e não tão distante assim, em que os americanos ainda não eram americanos, mas europeus descontentes” (Baldwin, 2020, p. 193). O branco dos Estados Unidos é o europeu que abandonou o seu território, mas que se reterritorializou⁴ sobre um

⁴ Ver mais sobre o conceito de territorialidade em (Deleuze; Guattari, 2012, p. 239).

sistema, o colonialismo, que lhe garantiu a propriedade, o trabalho, o dinheiro e a filiação a um regime de signos que o vincula à Europa.

A relação com o sintoma, algo legado a um trauma, é desvelada e aparece em figurações na escrita. Para Didi-Huberman (2013), a “imagem como rasgadura” busca devolver à história um sentido, dar ao sintoma o seu *status* de texto. Para tanto, ao entender a imagem como um signo que está no lugar de outra coisa, o autor equipara essa imagem ao texto, à tessitura, ao emaranhado de ideias e sentidos que, por força da razão, para irmos além daquilo que está visível, é necessário rasgar a imagem e ver o que se esconde por trás do texto.

Percebe-se, então, uma diferença entre o olhar e o ato de ver em James Baldwin (2020), considerando o olhar algo próprio da fisiologia do órgão da visão e a ação de ver um ato de reflexão e especulação. Em *Um Estranho na Aldeia*, James Baldwin nos apresenta um aldeão alumbrado que o olha, mas não o vê: “Meu sorriso era apenas mais um fenômeno inaudito, que lhes permitia ver meus dentes – na verdade, as pessoas não viam meu sorriso, e comecei a achar que, se eu comesse a rosnar, ninguém perceberia a diferença” (Baldwin, 2020, p. 187). É como se o Branco resistisse em reconhecer a humanidade do Negro.

A Identidade Racial: o sintoma internalizado como um estranhamento na aldeia

Sabemos que o conceito de raça é ideológico, que a identidade racial é uma construção social baseada em mitos que buscam naturalizar construções discursivas historicamente instituídas. Neusa Santos Souza (2021) desconstrói a ideia do que a psicanálise clássica acredita ser um inconsciente universal e desracializado. Para Souza (2021, p. 64-65), o devir do negro, o contínuo processo de se tornar, ou seja, sua identidade, está historicamente mediado pelo desejo de ser branco, que a autora classifica como “Ideal do Ego Branco” (Souza, 2021, p. 65).

Outros intelectuais negros irão corroborar com a mesma percepção relativa ao inconsciente. Fanon diz que “no mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração do seu esquema corporal” (Fanon, 2020, p. 126). Em *Um Estranho na Aldeia*, James Baldwin nos apresenta a seguinte especulação: “Duvido que os aldeões pensem no diabo quando olham para uma catedral, porque eles nunca foram identificados como o diabo (Baldwin, 2020, p. 198).”

A imagem de um mito surge como sintoma em um sistema de referência que não pertence à identidade do negro. A imagem cristã de um ser mitológico denominado ‘Diabo’ vem da cultura branca e europeia, mas é apropriada pelo escritor para expor um trauma histórico não resolvido. Baldwin internaliza o trauma coletivo e começa a

questionar a própria identidade, quando diz que: “[...] nada indicava que eu fosse um ser humano: eu era apenas uma maravilha viva” (Baldwin, 2020, p. 187).

Para o negro estadunidense, segundo o próprio Baldwin (2020), a identidade “decorre dessa situação extrema, [encontrar um motivo para viver sob a cultura americana, ou então morrer], e a evolução dessa identidade foi fonte de uma ansiedade insuportável para as consciências e as vidas de seus senhores” (Baldwin, 2020, p. 194). Mas essa identidade ganha outros contornos quando chega no vilarejo de Leukerbad.

Baldwin inicia seu ensaio com uma espécie de descrição etnográfica da aldeia, para ser mais preciso, uma autoetnografia. As informações estão postas de tal modo a explicitar os sentidos do que foi vivenciado na experiência do autor, transformando subjetividade e afeto em objeto a serviço da humanidade, sua literatura.

Há um desenho inicial, sugerido no primeiro parágrafo do ensaio, que nos faz acreditar que havia ali um ineditismo, algo novo se desenhava naquela paisagem da aldeia: “Ao que tudo indica, nenhum negro jamais pôs o pé nesta aldeola suíça antes de mim” (Baldwin, 2020, p. 184). Tudo ali era branco, o narrador não encontrou nenhum igual.

Toda a brancura da cena, que condensa um vilarejo coberto por neve, faz com que o autor descreva as relações estabelecidas ali como “assustadoras”: “A paisagem é absolutamente assustadora, montanhas imponentes nos quatro lados, gelo e neve até onde a vista alcança. Nesse deserto branco, homens e mulheres e crianças estão em atividade o dia todo [...]” (Baldwin, 2020, p. 185).

O contraste de seu tom de pele desperta um sentimento de estranhamento peculiar que passa a fazer parte do convívio na aldeia:

Todos na aldeia sabem meu nome, embora raramente o utilizem, todos sabem que eu venho dos Estados Unidos — se bem que isso, ao que parece, é algo em que eles nunca acreditam: os negros vêm da África — e todos sabem que sou amigo do filho de uma mulher que nasceu aqui, e que estou hospedado no chalé deles. Mas continuo a ser um estranho, tal como no dia em que cheguei as crianças gritam *Neger! Neger!* quando passo na rua (Baldwin, 2020, p. 186).

No trecho acima, o autor, afirma sua existência em identidade com aquilo que é chamado de “negro”. As duas crianças correm atrás dele gritando “olha um negro!” e, mesmo incomodado com o tratamento que lhe é dirigido, ele devolve a si mesmo a humanidade respondendo às crianças com um sorriso no rosto. Vemos o rosto de um Baldwin, com seus dentes frontais superiores separados pelo enorme diastema, sorrindo atarantado diante das crianças, sem querer tirar delas a inocência, mas entendendo bem o que significava o vocativo “negro”.

A esta altura da descrição o leitor já começa a desconfiar daquele assombro inicial. O relato de Baldwin é tão perturbador, rodeado de medo e de pânico, que revela

um racismo encoberto como “imagem-sintoma”. Começa a aparecer em seu texto o que Neusa Souza Santos denomina de “internalização da rejeição” (Souza, 2021, p. 77): “Todas as características físicas do negro que me causavam, nos Estados Unidos, um sofrimento muito diferente, já quase esquecido, aqui eram nada menos do que milagrosas — ou infernais — para as pessoas da aldeia” (Baldwin, 2020, p. 187).

Baldwin (2020) recorre a uma série de lembranças pessoais que o fazem comparar o que era ser negro nos Estados Unidos e na Suíça. Todas as lembranças o guiavam para o mesmo lugar, o lugar do estranhamento, do desconhecido, o lugar do Outro. Esta “imagem sintoma” ou “imagem como rasgadura” parece advertir: branco, veja bem o que está acontecendo! “Há um costume nesta aldeia — segundo me disseram, ele existe também em muitas outras aldeias — de ‘comprar’ nativos africanos com o propósito de convertê-los ao cristianismo” (Baldwin, 2020, p. 188). Nesse trecho, é revelado que essa parte do mundo já sabia da existência do negro e compartilhavam de um tratamento igual ao dos colonos que escravizaram negros africanos em um tipo de mística de salvação.

O mito da criação afirma que Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, eis a vontade de poder do branco: ser semelhante a um deus. Nesse projeto colonizador, o negro foi dado ao branco como servo, ou seja, o negro não era um homem, não foi considerado um semelhante, estava abaixo da condição humana. Como advertiu Fanon (2020, p. 230), “o preto é um escravo a quem se permitiu adotar uma atitude de senhor. O branco é um senhor que permitiu a seus escravos comerem à sua mesa”.

O Branco passou a considerar o Outro não europeu como um incivilizado, um selvagem, uma alma que necessitava de salvação. Baldwin relata que a igreja local pedia dinheiro aos fiéis para comprar negros africanos e os converterem para o cristianismo: “[...] a aldeia “comprou” no ano passado seis ou oito nativos africanos. Isso me foi relatado com orgulho pela esposa do proprietário de um dos bistrôs, e tive o cuidado de manifestar espanto e prazer diante da solicitude que a aldeia demonstrou pelas almas dos negros” (Baldwin, 2020, p. 188). Ao perceber o prazer “genuíno” com que a esposa do proprietário do bistrô contava aquela história de compra de “nativos africanos”, o autor apresenta um modo diferente de lidar com o espanto.

Espantos diferentes, efeitos contrários: “O espanto com que me recebem hoje só pode ter o efeito de envenenar o meu [coração]” (Baldwin, 2020, p. 189, acréscimos nossos). O veneno como uma figura de linguagem, a “imagem-sintoma” trazendo à superfície o que se afogou nas profundezas da repressão, concomitantemente, a “imagem como rasgadura” expondo o racismo estrutural ali manifesto:

[...] apesar de eu saber muito bem que nenhum indivíduo pode ser responsabilizado pelo que a história está fazendo, ou já fez. Afirmo que

a cultura dessas pessoas me controla, mas na verdade não há como responsabilizá-la pela cultura europeia. A América deriva da Europa, mas essas pessoas nunca viram a América, e a maioria delas conhece pouco mais da Europa do que a aldeia ao pé da sua montanha (Baldwin, 2020, p. 189).

Mesmo não sofrendo o racismo que sofreria se estivesse nos Estados Unidos da América, Baldwin (2020) tem a consciência histórica de que “a América deriva da Europa” e que “a cultura dessas pessoas me controla” (Baldwin, 2020, p. 189). E admite: “até as mais analfabetas entre elas estão relacionadas, de uma maneira que eu não estou, a Dante, Shakespeare, Michelangelo, Ésquilo, Da Vinci, Rembrandt e Racine (Baldwin, 2020, p. 190)”.

Diante do modo como os europeus edificaram suas riquezas, podemos concordar com o clássico *Discurso sobre o colonialismo* de Aimé Césaire quando diz: “A Europa é indefensável!” (Césaire, 2010, p. 15). As veredas abertas, por onde pisou o europeu com seus pesados instrumentos de conversão, suas cruzadas, derramaram na terra o sangue daqueles que foram separados de suas ancestralidades em uma diáspora forçada, foram trazidos para a colônia, postos a serviço do humano como ferramenta para exploração da natureza. O surgimento da colônia é, também, o surgimento do racismo e da supremacia branca sob o signo da crueldade e dominação.

O colonialismo construiu um lugar de domínio predestinado ao branco, com sua vontade de poder, e outro lugar de subjugação destinado aos afrodescendentes e aos povos originários das terras colonizadas. “O colono e o colonizado são velhos conhecidos. E, de fato, o colono que fez e continua a fazer o colonizado. O colono tira sua verdade, isto é, os seus bens, do sistema colonial (Fanon, 2022, p. 32)”. O europeu fez com que a desterritorialização parecesse natural e desnaturalizou a relação do africano escravizado com a terra:

Fica-se a imaginar o que o primeiro escravo tinha a dizer ao primeiro filho negro que ele gerou. Dizem que há haitianos capazes de rastrear sua ascendência até chegar a reis africanos, mas qualquer negro americano que quiser recuperar sua ancestralidade verá que sua viagem no tempo termina de súbito com a assinatura na escritura de compra e venda que serviu de documento de entrada para seu antepassado (Baldwin, 2020 p. 194).

“Trata-se de um fato que os representantes mais típicos do Herrenvolk (raça superior), que nunca sentiram essa raiva e são incapazes de imaginá-la, não conseguem entender” (Baldwin, 2020, p. 190). O branco não compreende a raiva do Negro, porque a distância produziu o menosprezo à humanidade do Negro. Ao Negro resta encontrar um meio de direcionar toda essa ira em uma catarse capaz de provocar algum incômodo ao mundo do Branco.

O Negro desumanizado só é assim para o Outro (Branco), numa relação desigual criada pelo colonialismo/racismo, o ser para si do Negro não é inferior ao ser do Branco e isso é o que faz com que o Negro enxergue bem quem é esse Outro que se considera herdeiro natural de uma humanidade superior:

O modo como a imaginação vê o outro é determinado, é claro, pelas leis da personalidade de quem imagina, e uma das ironias das relações entre negros e brancos é o fato de, através da imagem que o branco faz do negro, o negro poder descobrir que espécie de pessoa o branco é (Baldwin, 2020, p. 192).

O ensaio reforça a ideia de que a imagem do homem europeu é branca. O elemento visual cor Branca em contraponto à cor Negra como identidade racial, é utilizado como “imagem rasgadura” quando evidencia a racialidade e mostra uma homogeneidade humana apenas entre Brancos. O que o autor encontra na história da Europa são associações para figurar o Outro como opressor.

Considerações Finais

Buscamos, com o máximo de rigor metodológico, estabelecer uma relação entre o ensaio de Baldwin (2020) e os conceitos de “imagem-sintoma” e “imagem rasgadura”. Acreditamos, depois da análise aprofundada neste artigo, que conseguimos fazer existir uma conexão com o pensamento do filósofo e crítico de arte Georges Didi-Huberman.

Por suposto, ao usar os conceitos analíticos em psicanálise de modo crítico, e não clínico, percebemos que o ensaio de James Baldwin cria um caminho de conscientização necessário para compreender a dor, a invisibilidade e o preconceito que uma pessoa negra viveu. A cruel realidade do não pertencimento que o autor vivenciou na Suíça deixou marcas em seu texto que denunciam um “mal-estar” na civilização que aponta para o racismo como um trauma na história ocidental.

Ao relacionar os conceitos de trauma e sintoma com o conceito de imagem, ficou evidenciado como a figuração surge no ensaio *Um estranho na aldeia*, de Baldwin. Como foi dito, a imagem sintoma é aquela em que determinados sentimentos não conseguem ser apresentados e sua visualidade não se forma. Por força da razão, concluímos que a resistência em reconhecer a humanidade do negro se apresenta como ato falho.

O que buscamos neste artigo foi revelar, com esteio no referido ensaio, como funcionam as armadilhas estratégicas que sustentam esse inconsciente. Tanto no visível quanto no legível, há uma relação histórica que constrói a noção de identidade racial. O ensaio de James Baldwin recupera um traço forte dessa imagem que resiste na reflexão autobiográfica. O racismo, enquanto instrumento político, atualmente,

continua distorcendo essa imagem que o ensaio recupera e que seu autor elabora dialeticamente em uma lógica que evidencia a potência da linguagem enquanto catarse.

Mobilizamos Neuza Santos Souza para mostrar como o devir negro está mediado pelo desejo. Nessa direção, problematizamos como o ensaio de Baldwin explicita o surgimento do desejo de ser branco que Fanon traz na sua análise em *Pele Negra, Máscara Branca*. Quando lemos o relato de um negro vivendo sob a violência do mundo branco, vemos pistas valiosas de como isso acontece na realidade. Há um complexo estruturado em símbolos que produzem uma lógica de branqueamento, onde o negro é levado a desejar aquilo que a sociedade considera superior. Esse desejo não é um desejo natural, ele entra no campo da negação no inconsciente.

Neuza Santos Souza ilustra como funciona esse contínuo processo de construção da identidade no devir negro. A força potente do negativo que faz o autor voltar ao passado, em uma regressão que se apresenta como memória e produz suas imagens. Algo nessa regressão aparece visualmente formando a “imagem-sintoma”, ou seja, uma falta, algo que é perseguido para completar a imagem de um sonho desperto.

O exílio, o estranhamento, a imagem-sintoma, como alguma coisa que não figura no legível, são elementos de uma linhagem etnográfica não elaborada e que não encontra um espelho, uma identidade em um mundo assombrosamente branco. A internalização da rejeição é um sintoma, mas também uma rasgadura na imagem que mostra o racismo estrutural por trás de uma história construída com estruturas culturais e simbólicas.

O racismo é um produto de uma estratégia de poder e dominação. Baldwin traz novos contornos para esse entendimento da história. Como construção humana que teve suas bases edificadas em desejos econômicos e políticos, o racismo não pode ser reduzido a problemas morais ou comportamentais. Para colonizar, o branco precisou subjugar, tratar o negro como um selvagem, incivilizado e inferior. Os Estados nacionais modernos nasceram dessa violência. O desterro e a fetichização do negro podem ser traduzidos como falta de expressão dentro de um sistema político que reprimiu coercitivamente todo e qualquer ato de resistência.

Em um dado momento, o autor compara a história a um pesadelo, em uma analogia ao sonho, ao vestígio, é quando surge a rasgadura do real, expondo o racismo e toda a crueldade do colonialismo que, como em um sonho, o autor se recusa a julgar, apenas vai relatando as coisas que lhe afetam como uma testemunha ocular, sem emitir um julgamento histórico. Contudo, algo lhe escapa das associações verbais com as formas não verbais que seu texto produz. Como no sonho, algo ali não fica nítido, o traço sofrível não está legível, foi o que chamamos de imagem rasgadura.

Como essa dor, esse traço sofrível, esse borrão se transforma em arte? De qual modo esses conceitos de imagens-sintomas e rasgaduras podem contribuir para uma pedagogia crítica em espaços formativos? A produção do ensaio pode servir como relato a serviço de um melhor entendimento das relações entre humanos. O texto de Baldwin oferece ferramentas que conseguem dialogar com estratégias do uso de imagens. Narra cenas de estranhamentos que funciona como rasgaduras, manchas de um branqueamento que produz apagamento.

Quais camadas do real emergem dessas rasgaduras? Quais sujeitos de estranhamentos são revelados com esses rasgos? Como a estética de Baldwin se relaciona com a política? Essas e outras problemáticas ficam suspensas na leitura do ensaio.

Fazer da diferença um sinônimo da inferioridade é uma estratégia de poder e dominação que acontece na fetichização. A nossa necessidade de nos mantermos livres do ódio reclama uma nova maneira de criar imagens por meio de uma, também nova, teoria crítica das imagens. As referências da história da arte que o autor mobiliza em seu ensaio para mostrar o quanto a cultura é atravessada por esse imaginário europeu nos impele a pensar qual teoria da imagem queremos construir para que haja uma educação verdadeiramente antirracista.

A importância deste artigo reside em trazer Baldwin para o diálogo com a contemporaneidade. A contribuição de James Baldwin para o debate contemporâneo sobre a racialidade é singular. O autor transforma sua dor em Arte. A objetificação de seu ser no texto é produzida de um modo a revelar uma experiência etnográfica de resistência como contribuição para a história da arte e os estudos em humanidades.

Ao fazer uso da linguagem para mostrar seu sofrimento, o escritor cria elementos estáticos de resistência que vai além da descrição etnográfica ou de um olhar antropológico. Em seu estranhamento, o autor perpassa a ideia de trauma vivenciado, que é também o estranhamento vivenciado atualmente por pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, é o trauma contemporâneo de mulheres, refugiados, emigrantes latinos e de todos que vivem nas fronteiras do *apartheid* capital, é sobretudo o trauma dos palestinos, dos moradores de morros e periferias hiper vigiados e de todos aqueles que se reconhecem em suas ausências e faltas.

Contudo, é importante ressaltar que o texto analisado se trata de um ensaio, sendo que isso não é literatura de viagem, não é um estudo antropológico e nem uma análise sociológica. É um ensaio que dá voltas sobre o sentimento de estranhamento vivenciado em um vilarejo na Suíça, voltas que encerram seus giros na afirmação categórica de que esse vilarejo é o ocidente, o ocidente no qual um corpo negro foi lançado, o ocidente com toda a sua brancura, a brancura de suas referências artísticas,

a brancura de seus intelectuais e figuras religiosas que entronaram o branco em um altar superior.

Dito isso, o racismo aparece como um recalcamento civilizatório, um borrão, um traço não trabalhados pela sociedade ocidental. A cena das crianças gritando “*Niger! Niger!*” nos mostra isso: A repetição do trauma, o simulacro que não é uma cópia, não é uma imitação, é a repetição de um gesto, é o sintoma. Quando faltam as associações verbais sobram as construções não-verbais que o autor mobiliza em seu ensaio.

Pensar nas construções dessas estruturas simbólicas na cultura, na perspectiva do trauma, é refletir como isso se externaliza e aparece na realidade, como esse mesmo imaginário forma o modo de pensarmos a nós mesmos na realidade. Problematicamos o simbólico como a linguagem com a qual se escreve o real e o real como aquilo que não é simbolizado. O estranhamento é o que nos perturba é o que não conseguimos organizar em linguagem simbólica. O real está em algum lugar que não conseguimos observar no trauma, é a falta.

Para concluir, destacamos a importância do conceito de Racismo Estrutural para compreendermos como no Brasil o racismo é mais sofisticado, na medida em que é difícil identificar quando e como ele acontece. Aqui, o racismo se movimenta como uma engrenagem silenciosa e nosso dever é pensar como se constitui o racismo na sociedade brasileira e buscar saber quais seriam suas formas e os modos de sua superação. Quais engrenagens invisíveis foram articuladas para manter o negro e os povos originários fora da estrutura social na formação da república brasileira. Isso nos leva a pensar como o estado italiano foi moldado manipulando imagens para servir a uma elite pensante, e como esses mesmos métodos podem estar sendo utilizados na formação do estado brasileiro. Baldwin nos permite uma aproximação quando identifica o lugar e a ação do europeu, como branco, na história colonial.

Baldwin vem de uma família evangélica, seu pai era pastor, sendo que, nesse contexto, ele elabora a questão do devir negro na desconstrução do pensamento branco, que é colocado em sua escrita de forma muito respeitosa. Ele faz o apelo à consciência humana, como quem diz: olhem, vejam isso que se faz com o negro! Assim, ele cobra o compromisso ético e político para enfrentar o racismo. O racismo que é uma questão branca, um posicionamento do branco em relação aos seus próprios privilégios, portanto, quem necessita de letramento racial são os brancos.

REFERÊNCIAS

BALDWIN, James. **Notas de um filho nativo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

BENTO, Cida. **O Pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BURCKAHRDT, Jacob Christoph. **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Tradução de Anísio Garcez Homem. Florianópolis: LetraSet, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, 2012. vol 5.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte**. São Paulo: Editora 34, 2013.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

Contribuição de Autoria:

Magdiel Cormelyson de Menezes: conceitualização, investigação, metodologia, escrita – rascunho original

Ana Cristina de Moraes: aquisição de financiamento, metodologia, supervisão, escrita – revisão e edição

Jânderson Albino Coswosk: análise formal, metodologia, escrita – revisão e edição

Conflito de interesse: Não há.

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa:



Critérios SciELO Brasil

Formulário sobre Conformidade com a Ciência Aberta

versão 29 de junho de 2020

Por meio deste formulário os autores informam o periódico sobre a conformidade do manuscrito com as práticas de comunicação da Ciência Aberta. Os autores são solicitados a informar: (a) se o manuscrito é um preprint e, em caso positivo, sua localização; (b) se dados, códigos de programas e outros materiais subjacentes ao texto do manuscrito estão

devidamente citados e referenciados; e, (c) se aceitam opções de abertura no processo de avaliação por pares.

Preprints

Depósito do manuscrito em um servidor de preprints reconhecido pelo periódico.

O manuscrito é um preprint?	
(x)	Sim - Nome do servidor de Preprints: DOI do Preprint:
()	Não

Disponibilidade de Dados de Pesquisa e outros Materiais

Autores são encorajados a disponibilizar todos os conteúdos (dados, códigos de programa e outros materiais) subjacentes ao texto do manuscrito anteriormente ou no momento da publicação. Exceções são permitidas em casos de questões legais e éticas. O objetivo é facilitar a avaliação do manuscrito e, se aprovado, contribuir para a preservação e reuso dos conteúdos e a reprodutibilidade das pesquisas.

Os conteúdos subjacentes ao texto do manuscrito já estão disponíveis em sua totalidade e sem restrições ou assim estarão no momento da publicação?	
(X)	Sim: (x) os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito (x) os conteúdos já estão disponíveis () os conteúdos estarão disponíveis no momento da publicação do artigo Segue títulos e respectivas URLs, números de acesso ou DOIs dos arquivos dos conteúdos subjacentes ao texto do artigo (use uma linha para cada dado):
()	Não: () dados estão disponíveis sob demanda dos pareceristas () após a publicação os dados estarão disponíveis sob demanda aos autores – condição justificada no manuscrito () os dados não podem ser disponibilizados publicamente. Justifique a seguir:

Aberturas na avaliação por pares

Os autores poderão optar por um ou mais meios de abertura do processo de *peer review* oferecidos pelo periódico.

Quando oferecida a opção, os autores concordam com a publicação dos pareceres da avaliação de aprovação do manuscrito?	
(x)	Sim
()	Não
Quando oferecida a opção, os autores concordam em interagir diretamente com pareceristas responsáveis pela avaliação do manuscrito?	
(x)	Sim
()	Não

DECLARAÇÃO DE USO DE FERRAMENTAS DE IA GENERATIVA

Título do Artigo: "A IMAGEM-SINTOMA EM UM ESTRANHO NA ALDEIA, DE JAMES BALDWIN: identidade negra como território".

Autor(es): Ana Cristina de Moraes, Jânderson Abino Coswosk e Magdiel Cormelyson de Menezes.

Declaro(amos) que ferramentas de Inteligência Artificial Generativa foram utilizadas durante a preparação deste manuscrito, conforme detalhado abaixo:

Ferramenta(s) Utilizada(s): ChatGPT (GPT-4o), Gemini e DeepL.

Finalidade do Uso:

☒ Revisão gramatical e estilística: Adequação de estilo, correção gramatical e clareza do texto em [idioma].

☒ Tradução: Tradução de trechos do texto de [idioma de origem] para [idioma de destino].

☐ Auxílio na programação/análise: Suporte na escrita ou otimização de scripts de análise de dados em [ex: Python / R].

☐ Brainstorming e estruturação: Sugestão de tópicos para organização do sumário/esboço inicial.

☒ Outros: [Busca de trecho da obra (previamente lida) "A Cultura do Renascimento na Itália" para citação bibliográfica].

Responsabilidade Autoral:

O(s) autor(es) revisou(aram) e editou(aram) criticamente todo o conteúdo gerado ou modificado pelas ferramentas de IA, assumindo integral responsabilidade pela veracidade, precisão e integridade das informações, dados, citações e conclusões apresentados neste manuscrito. As ferramentas de IA não atendem aos critérios de autoria e não são listadas como coautoras.

Data: 24/06/2026

Assinatura:



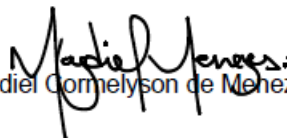
Documento assinado digitalmente
ANA CRISTINA DE MORAES
Data: 24/07/2026 18:12:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Ana Cristina de Moraes



Documento assinado digitalmente
JANDERSON ALBINO COSWOSK
Data: 24/07/2026 14:06:34-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Jânderson Abino Coswosk


Magdiel Cormelyson de Menezes.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.